



Câmara Municipal de Jundiaí  
São Paulo

MOÇÃO Nº 205

APELO ao Ministério da Saúde por solução da crise que atinge o Posto de Assistência Médica-PAM de Jundiaí.

CÂMARA MUNICIPAL DE JUNDIAÍ  
Aprovação à Mesa  
Sala das Sessões em 10/10/95  
Presidente

CÂMARA MUNICIPAL DE JUNDIAÍ  
APROVADO  
Sala das Sessões em 17/10/95  
Presidente  
PR 10.95.P3

O binômio SAÚDE - CRISE parece um casamento perfeito, pelo menos em Jundiaí...

Senão, vejamos uma historiazinha:

... Era uma vez uma população, que necessitando de cura para seus males físicos e psíquicos, dirigia-se a um certo lugar da cidade a fim de se registrar e aguardar sua vez, fosse para uma conversa e avaliação de um especialista (e havia muitos especialistas para muitos males), fosse para pedir uma substância que remediase a sua dor (se não pudesse adquiri-la com seus próprios recursos). Afinal, a população vinha contribuindo com essa previdência.

Bem, não era nenhuma "cidadezinha" de aldeia, e o lugar abria-se ainda para as gentes de outras cidades vizinhas, já chegando à casa dos 13 mil atendimentos, mais ou menos, a cada lua (ou, se preferir, a cada mês).

Ora, com tantos males a serem cuidados, é comum, normal, sabido e esperado que outro tanto de confusão e dificuldades se impusesse ao controle do andamento daquele lugar. Filas e encaminhamentos, fila de espera, fila errada e fila certa, fila para pegar fila... fila para entrar, fila para sair...

Mas quem labutava naquele certo lugar, preocupados com a situação e o caos que se avizinhava, aos poucos foi encontrando formas importantes e até criativas para melhor orientar, organizar o desorganizado, ajudar e tratar os sofredores. Não que isso respondesse a



alguma imposição normativa vinda das esferas superiores... Respondia mais a sua consciência humanitária e senso de solidariedade.

... E o lugar era limpo e o chão encerado, os equipamentos e o patrimônio conservados sempre, com uma central de esterilização impecável e bem cuidada. No departamento de fornecimento de remédios havia faltas, mas o esforço comum dos funcionários e da CEME (um órgão da primeira esfera) tentava evitar a ausência dos medicamentos básicos. Ah,... os guardas do serviço de segurança... Ajudavam também; para que as filas não tumultuassem, fossem para os objetivos devidos e não sem necessidade; e com educação e civilidade no trato com os portadores de males. As conduções próprias para transporte de doentes eram de grande valia nas urgências e emergências de todo tipo. E vários Programas Preventivos e de orientação foram criação daqueles trabalhadores: para o hipertenso, o diabético, o de saúde escolar, o odontológico, para o adolescente, a gestante, órtese e prótese, e outros...

E se embora tudo não corresse às mil maravilhas, o esquema entretanto funcionava num nível peculiar e atendia às necessidades. Nem tudo, nem todos, eram felizes para todo o sempre... mas seu trabalho era dignificante e dignificador!

Mas como não há bem que sempre dure (nem mal que nunca se acabe..., mas esta é outra história), de lá de cima, dos cumes superiores, o Olimpo saturado de responsabilidades - e pesado do mal emprego de suas possibilidades - resolveu passar a gerência daquele certo lugar para outrem. Veio um tal de SUDS [uns diziam que era o Sistema Único e Descentralizado de Saúde] e tomou conta de tudo, de todo o prédio.

E a falta de organização criou semente e foi deixando sua marca: o espaço foi-se enchendo de mais gente do que ali cabia e tiveram que improvisar acomodações; os programas existentes foram quase todos ignorados e outros impostos (e que raramente atingiam seus objetivos); o patrimônio - recebido da esfera maior - foi dilapidado, doado ou cedido sem nenhum controle; falta completa de manutenção... E o que era uma estrutura simples e barata, porém funcional, por má administrada, fizeram deteriorar; ações políticas e tráfico de influências pela direção desse novo "elefante branco" tornaram-se a "ordem do dia", mais importantes do que a grandeza da instituição e dos objetivos para que foi criada. Era a marca dos novos tempos!



Câmara Municipal de Jundiaí  
São Paulo

MOÇÃO N.º 205 - fls. 3

Ah!, mas não se espere que as coisas tenham permanecido assim, nesse ritmo. Nada disso. Aliás - como reza o dito popular - o que é uma chaga a mais num lazarento? O caos ninguém quer assumir, que a sua manutenção é complicada...

Uma nova decisão. Novas esperanças? Correram boatos de que os cuidados com o bem-estar das gentes e de cura para os seus males físicos e psíquicos seriam agora assumidos pelo panteão dos deuses locais (processo chamado de "municipalização"...), a esfera de domínio local das determinações superiores, para conduzir a vida da população. A primeira esfera, a do Olimpo, passara para a segunda, a do Estado dos deuses, que também promana ordens, impõe contribuições e dirige a vida deste território e vale de lágrimas com nome de Santo. Por fim, os semi-deuses entregaram o "fruto" para o controle da terceira esfera.

Uma das expectativas sonhava com maior profissionalismo, sensatez e dignidade, agora que o Poder local, conhecedor das dificuldades na área e eleito protetor de seu povo, recebia a herança.

Mas, ai! Pobres de nós, mortais... Quem abriu a "Caixa de Pandora" ainda não a fechou; e mais monstros infestaram o ambiente (o tal de "... nem mal que nunca se acabe" vai ficar mesmo para outra ocasião).

Um furacão varreu o resto que ainda sonhava...! A calamidade abateu-se sobre a situação e o desgoverno imperou naquele certo lugar. Que administração, quando se promovem modificações às cegas, sem cronograma e planejamento de ações? Nem levantamento dos recursos existentes se fez, para se conhecer seu melhor aproveitamento. Sem ainda nem se resolver o processo instaurado para transferência do patrimônio (transfe-rência para a terceira esfera, que, segundo notícias que se ouviu, foi perdidus nos emaranhados burocráticos do posto da segunda esfera, ao qual o certo lugar está subordinado), os novos conquistadores se debruçaram sobre os despojos da guerra e foram "saqueando" tudo: levaram embora ambu-lâncias, peças e utensílios; até funcionários foram exilados (transferi-dos)... A história repetiu-se, os fatos sucederam-se. Nem cópias de docu-mentos hoje conseguem, pois a máquina desse serviço foi levada para a se-de do posto da segunda esfera... (consta que fica nas Campinas do Esta-do...), o que obriga os servidores a vaquinha para pagar por cópia daque-les mais importantes ou pedir favores ao órgão local de produção de leis.



O andar térreo do prédio foi desativado pelos "municipalizantes", materiais levados embora; num banheiro do 1º andar foi parar o material de limpeza; e a Encarregada levada para o Setor de Administração.

E agora?

Tudo foi largado para trás, sem reconstrução. Pura "pilhagem". Constantemente faltam água (por falha humana, mecânica ou falta de manutenção dos equipamentos) e energia; vazamento no 2º andar com infiltração no 1º e risco de queda do teto (placa de gesso); todos os andares com iluminação deficiente; arquivo de prontuário de pacientes quebrado; elevadores sem manutenção; contrato de limpeza vencido (serviço assumido pela esfera local); contrato de vigilância encerrado - e apenas 3 guardas municipais fazem a "segurança", mas não são treinados para ajudar em situações de urgência, a organizar filas educadamente, a dar orientações..., não circulam pelo prédio e, quando chamados para uma emergência, não se movimentam, abandonam a portaria. Autoclaves danificadas por falta de manutenção, obrigando a pedir socorro para o Hospital de Caridade São Vicente de Paulo para esterilizar materiais e instrumental; também têm de recorrer a ele para lavar roupas hospitalares - e não há ambulâncias para esse leva-e-traz.

... E a lista se alonga, abrangendo falta de lâmpada em fotôforo, eletrocardiógrafo quebrado, ultra-som abandonado. Nem os materiais primários escapam: papel higiênico, receituários, remédios... Como uma enfermaria vai funcionar sem compressas, esparadrapo, de tergente? Sem autoclave?

E os especialistas? Aos poucos vão rareando, já que ninguém os contrata e os ganhos são vergonhosos...

Materiais odontológicos sem uso e não-instalados, reforma iniciada e não terminada...

Farmácia sem medicamentos...

...

Era uma vez um certo lugar, que ficou órfão - ninguém mais assumiu a responsabilidade por ele (pois perderam o "processo de adoção"), nem primeira, nem segunda, nem terceira esfera de Poder. Quem responde por ele?



MOÇÃO N.º 205 - fls. 5

Era uma vez... sem felizes para sempre!

Uma historiazinha. Apenas.

Assim, meio burla, meio sátira, estas as cenas que o Posto de Assistência Médica-PAM de Jundiaí está vivendo. O transcorrer dos dias pode mostrar a completa embriaguez da estrutura administrativa instalada e fazer parar o movimento da máquina. Sem material ninguém po de trabalhar. E sem responsável o barco vai à deriva, engolido pelas águas turbulentas do caos.

Eis a face do problema. E apontada pelos próprios funcionários do PAM, que subscreveram um documento demonstrando o que aqui caricaturizamos. E serve ainda o desabafo feito por um dos "sobreviventes" que dirige o "moribundo" "certo lugar": "A situação de Saúde tá feia. E não é falta de verbas, é falta de vergonha" [Jornal de Jundiaí de 04 de outubro de 1995, página 8]. É preciso falar mais?...

Sobre o assunto há inúmeras manifestações desta Casa, emprestando sua solidariedade a funcionários e à instituição, mas tememos pelo pior, pois se gestões firmes e sensatas não forem encaminhadas, a derrocada será iminente.

Por isso,

Apresentamos à Mesa, na forma facultada pelo Regimento Interno, sob consideração do soberano Plenário, esta MOÇÃO DE APELO ao Ministério da Saúde para que adote medidas que tragam uma solução para a crítica situação que atinge o Posto de Assistência Médica-PAM de Jundiaí, com a máxima brevidade possível.

Sala das Sessões, 10.10.95

  
ANTONIO CARLOS PEREIRA NETO  
"Doca"